

Fabio Luis Barbosa dos Santos

mestrando do departamento de História da FFLCH - Universidade de São Paulo

JOSÉ MARTÍ: SUA VISÃO DE PROGRESSO E O MATERIALISMO HISTÓRICO

introdução

Neste trabalho buscaremos proceder a uma apreciação crítica da visão de progresso martiana do ponto de vista do materialismo histórico. Com esta finalidade, o texto realizará o seguinte movimento: após a exposição das linhas mestras da visão de progresso martiana buscaremos investigar primeiramente o alcance e a seguir o limite crítico da sua chave interpretativa, para depois enfeixarmos algumas observações relacionando o seu pensamento aos dilemas históricos do continente.

i) visão de progresso

A visão de progresso martiana se cristaliza no ideário de *Nuestra América* como um projeto civilizatório próprio, *alternativo à modernidade ocidental*, produto da conjunção entre a sua visão de homem consubstanciada na noção do *hombre natural*, e a sua visão da história angulada em torno da noção do caráter como chave da interpretação de um povo.

A noção do *hombre natural* tem como premissa uma dimensão transcendente da existência, que deve orientar a organização social em contraste com o materialismo típico das sociedades industriais: a partir deste ângulo, Martí questiona o parâmetro

civilizatório ocidental e sugere formas alternativas de construção, organização e divulgação do conhecimento, que obedeçam a uma outra racionalidade inclusiva do sentimento, presidida por uma lógica aditiva e não demonstrativa e cujo sentido precípuo é dado pela realização do humano fundada no amor.

Assim, progresso para Martí significa criar condições históricas para a afirmação do *hombre natural*, o que se traduz na promoção de uma noção alternativa de modernidade orientada por princípios éticos pautados pelo amor, passível de realização através do projeto de *Nuestra América*, que tem como pressuposto a afirmação da autoctonía a partir da esfera cultural, premissa para a emancipação política e econômica. A concretização deste projeto tem na causa da independência das Antilhas um elo imediato e de conseqüências decisivas, porque pode breçar o expansionismo estado-unidense e assim, viabilizar o equilíbrio geopolítico do mundo e propiciar o experimento da república moral como inovação civilizatória.

Em outras palavras, Martí propõe um particular (a autoctonía) como via de afirmação de um universal (o homem). Nesta visão, existem nexos tangíveis entre o processo político de independência cubana e a marcha civilizatória, bem como entre a emancipação da América Latina e a libertação do homem na sua integralidade. Em suma, em Martí a afirmação da autoctonía é a realização do humano: *patria es humanidad*.

Nesta perspectiva, o êxito da guerra nas Antilhas é duplamente estratégico: do ponto de vista da geopolítica global é a possibilidade de minar o expansionismo estado-unidense e facultar a unidade americana, ao mesmo tempo em que é a pedra fundamental de um projeto civilizatório alternativo. Ambos vetores tem alcance mundial. Isto que significa que Martí concede papel protagonista ao continente do ponto de vista político, e estatura universal ao potencial cultural de *Nuestra*

América, do ponto de vista humano.

Em uma palavra, Martí identifica o progresso da civilização com a afirmação do potencial histórico de *Nuestra América*.

Esta visão está assentada na noção do caráter como chave para a interpretação histórica

de um povo, onde Martí identifica na característica específica da história latino-americana a potencialidade de afirmação do homem natural como ideal civilizatório. Daí que a autoctonía neste caso, seja não apenas o método político da emancipação, mas também a via espiritual da realização do homem.

Embora Martí não seja explícito, fica subentendido que esta construção não é generalizável a todos os povos. Ainda que a autoctonía seja a chave da afirmação histórica de povos de caráter distinto, como os Estados Unidos ou a Europa, ela não universaliza a possibilidade de realização do *hombre natural*: esta seria a especificidade da contribuição civilizatória americana.

Porque o outro lado da relação entre autoctonía e caráter é a compreensão que Martí tem do ódio de classes como característica dos povos ocidentais, que remete a um passado feudal. Ou seja: é uma especificidade européia, que se reproduz nos Estados Unidos onde acontece uma espécie de feudalização aguçada pela orientação materialista desta sociedade.

Nestas condições, bloqueia-se a possibilidade de realização do *hombre natural*, que é facultada a um povo que avance um projeto alternativo em condições de evitar os males associados à modernidade ocidental.

Neste ponto, é possível explicitar o alcance e as limitações da chave interpretativa martiana.

ii) alcance

A sensível percepção de afinidades do ponto de vista cultural, remetidas a um passado

identificado no colonialismo e que se atualiza na semelhança dos dilemas históricos presentes, permite a Martí visualizar a América Latina como uma totalidade.

Em outras palavras, a projeção de *Nuestra América* como desígnio civilizatório está enraizada em primeira instância em um conjunto de percepções referenciados precisamente a uma racionalidade alternativa à ocidental: *Nuestra América* é antes uma intuição do que uma constatação.

lo que es en mí vastísimo sentimiento continental

Sua premissa é antes subjetiva do que objetiva: é o terreno fértil onde verificam-se as condições históricas e a possibilidade ética – ou seja, o caráter - propício para semear o *hombre natural*.

Podemos aventar a conjectura avessa: se o ângulo precípua da abordagem martiana fosse econômico ou político, teria visualizado com semelhante intensidade a unidade latino-americana?

Não sugerimos que a projeção de *Nuestra América* esteja desprovida de lastro objetivo, mas que a chave através da qual Martí identifica essa potencialidade é uma matriz cultural comum.

Do ponto de vista histórico, este ideário está assentado em uma dupla percepção: de um lado, a possibilidade recente de afirmação da identidade americana, uma vez

superadas as tendências centrífugas que dificultaram o processo de construção dos estados nacionais através do século XIX. De outro, o expansionismo estado-unidense confronta o continente com o imperativo da unificação que se apresenta como um dilema: ou uma proposta de modernidade alternativa referida à autoctonía, ou a unidade configurada em torno da modalidade de dominação neocolonial que se anuncia.

Assim, o desígnio de *Nuestra América* está assentado não apenas em afinidades históricas passadas, mas na encruzilhada histórica que se coloca e unifica o destino daqueles que não se reconhecem unidos.

Nesta perspectiva, a positivação da sua especificidade cultural aparece como premissa de uma emancipação das mentalidades, condição para a projeção de uma unidade continental capaz de se contrapor soberanamente no cenário geopolítico mundial.

A disjuntiva é: promover a unidade da região em bases soberanas em contraposição ao expansionismo dos Estados Unidos, ou ver seu destino aproximado pela subordinação comum a estes interesses. Afirmar uma posição soberana no concerto geopolítico mundial, alicerçada em um projeto de modernidade alternativa dotada de um conteúdo civilizatório universal, ou servir aos desígnios da disputa geopolítica global como região satélite do poder estado-unidense.

iii) limites

Se a chave interpretativa martiana possibilitou a clara percepção da encruzilhada histórica que se avizinhava, foi insuficiente para identificar os seus nexos com a dinâmica do capitalismo.

Sintoma evidente é que Martí associa o ódio de classes que observa na Europa e nos

Estados Unidos, fenômeno típico e característico do padrão de estratificação social capitalista, ao legado feudal que no segundo caso, supõe uma espécie de regressão histórica: *crean un nuevo feudalismo*. Em outras palavras, não estima que a semelhança no padrão de sociabilidade entre os dois – *América es pues, lo mismo que Europa!* - é dada, antes de mais nada, pelas relações de produção capitalistas.

O núcleo da sua crítica da sociabilidade é o ódio de classes como padrão do conflito

social. Atribui este ódio ao caráter dos povos, que é expressão ética de uma construção histórica: no caso europeu, remete ao despotismo e à monarquia; nos Estados Unidos trata-se de uma corrupção, onde *el afán exclusivo por la riqueza perverte el carácter*.

Sob esta ótica, a própria noção de “ódio” de classes, se contrastada com “luta” de classes, revela um conteúdo ético, cuja premissa é a crença de que é possível para um povo de caráter distinto afirmar uma sociabilidade alternativa assentada no amor.

Em outras palavras, a chave para a resolução do conflito social é para Martí antes ética do que econômica, embora as esferas não se apresentem completamente diferenciadas. Isto é viável uma vez que o ponto de partida da crítica martiana é o homem produzido pela sociabilidade capitalista e não as relações de produção que engendram este homem.

A premissa subjacente é que é possível estabelecer um padrão alternativo de sociabilidade que promova formas de reivindicação social que prescindam da

violência sem alterar as relações de produção. Se não são as relações de produção que determinam a sociabilidade, é facultado a um povo onde convergem condições históricas e possibilidades éticas favoráveis, viver de forma alternativa no modo de produção capitalista. Em uma palavra, há espaço para outra forma de sociabilidade no capitalismo.

Em suma, Martí não estabelece os nexos entre as relações de produção capitalistas e a sua sociabilidade em geral. As relações entre a propriedade privada dos meios de produção, a mercantilização do trabalho e as formas de sociabilidade resultantes escapam à problemática martiana: em uma palavra, o problema do fetiche lhe é alheio. Sua percepção do padrão de conflito social é superficial e de matiz ético: concentra-se nas suas formas de expressão, assim como de maneira correspondente, suas observações econômicas se circunscrevem à esfera da circulação. Em ambos casos, não adentra o terreno das relações de produção.

Além do fetichismo nas relações sociais, o outro ângulo a partir do qual é possível criticar a propriedade privada do ponto de vista do materialismo histórico é como óbice ao desenvolvimento das forças produtivas. Como a visão de progresso martiana não é alinhavada por este eixo, o resultado é, de um lado, que não se produz uma teleologia – ou seja, não há um padrão de desenvolvimento histórico a ser seguido - e de outro, não encontra-se em sua obra uma crítica à propriedade privada.

iii.b) Martí X Marx

Uma leitura atenta da nota de Martí a respeito de Karl Marx redigida por ocasião do seu falecimento em 1883, evidencia o contraste entre o pensamento

martiano e o materialismo histórico.

No conjunto da nota Martí empatiza com Marx, mas não com seus métodos.

Esta empatia está calçada na defesa em comum dos trabalhadores:

Como se puso del lado de los débiles, merece honor.

Nesta sentença que abre o comentário, explicita-se a diferença de enfoque em relação aos trabalhadores, que vai determinar o grau de identidade entre ambos pensadores. Se para Marx a classe trabalhadora é protagonista em potencial da revolução mundial que se anuncia, Martí a vê como o lado fraco (*débiles*) a ser amparado no conflito social. Nesta diferença radica uma empatia mas também uma distância: Marx merece ser honrado, o que não significa tomá-lo como referência política ou teórica.

A diferença na abordagem entre os pensadores é explícita em outra passagem:

El trabajo embellece. (...) De manejar las fuerzas de la naturaleza, les viene ser hermosos como ellas.

A referência do pensador cubano ao focar a relação do homem com seu trabalho é a realização do *hombre natural*, que encontra na relação orgânica com a natureza uma via de contato com o transcendente, onde para Marx coloca-se o problema da formação da consciência de classe.

Nesta chave, embora concorde com a indignação causada por uma engrenagem de exploração que provoca a desumanização do trabalhador, o cubano critica Marx por promover métodos que, a seu ver, podem levar ao aprofundamento da bestialização que se combate.

Mas se ha de hallar salida a la indignación, de modo que la bestia cese, sin

que se desborde, y espante.

Está implícita uma crítica à violência que substancia o ideário revolucionário marxista, assentado na premissa de que as contradições engendradas pelo capitalismo só podem ser superadas através da ação organizada dos trabalhadores, que tem como horizonte histórico um outro modo de produção.

Se constatarmos que Martí não é um pacifista por princípio, pois defende a violência revolucionária onde não se apresenta alternativa, como no caso cubano, deduzimos que considera viáveis outros meios de reforma social no capitalismo, que prescindam da violência intrínseca à revolução comunista. Assim, avalia as derivações políticas do pensamento marxista como apressadas, sombrias, inviáveis e prematuras:

Pero anduvo de prisa, y un tanto en la sombra, sin ver que no nacen viables, ni de seno de pueblo en la historia, ni de seno de mujer en el hogar, los hijos que no han tenido gestación natural y laboriosa.

A premissa subjacente é precisamente oposta ao materialismo histórico, que identifica na conjuntura europeia a maturidade das condições da revolução dos trabalhadores. Onde Martí vê uma cesárea prematura, Marx alerta que estourou a bolsa: o capitalismo está prenhe do comunismo, e a violência é a parteira da história.

iii.c) Martí X socialismo

Chamamos a atenção para a dissonância entre os pensadores por entendermos que as

limitações que se podem apontar ao pensamento martiano do ângulo do materialismo histórico precedem à constatação de que a Cuba contemporânea não era uma sociedade industrial. Antes, radicam nas próprias premissas que conformam a visão de mundo martiana.

O pensador cubano teve oportunidade de aprofundar seu contato com o socialismo depois da nota sobre Marx. Em seu trabalho *Lecturas Norteamericanas de José Martí: Emerson y el socialismo contemporáneo (1880-1887)*, José Ballón analisou o exemplar lido e anotado pelo cubano entre 1884 e 1887 do livro *El socialismo contemporáneo* de John Rae. Como diz o título, a obra faz um apanhado das teorias e da atividade socialista na Europa e nos Estados Unidos do século XIX, inclusive 70 páginas que, segundo Ballón, *expone de manera completa y sistemática la doctrina de Karl Marx*.

E no entanto esta não é uma das partes anotadas por Martí, que se concentra no capítulo introdutório, no apartado sobre Lassale e no oitavo capítulo entitulado *El socialismo y la cuestión social*. Uma análise a partir do material levantado por Ballón permite aprofundar a apreciação que o cubano faz do socialismo contemporâneo, e suas conseqüências para o projeto nacional do PRC (Partido Revolucionario Cubano).

Martí sublinha diversas passagens que se referem à relação entre socialismo e Estado, o que permite inferir que o pensador cubano estava familiarizado com o problema do Estado, embora esteja ausente do seu pensamento político e da sua estratégia revolucionária. Mais além, identifica na ação estatal e na propriedade coletiva dos meios de produção um denominador comum ao emaranhado das tendências socialistas

contemporâneas, segundo anota em inglês:

the land of the country and all other instruments of production shall be made the joint property of the community, and the conduct of all industrial operations be placed under the direct administration of the State.

Este é o ponto central: Martí rechaça o socialismo, que identifica com a propriedade coletiva e a presença estatal, por entender que são princípios que contradizem o desígnio de afirmação da individualidade contido na noção do *hombre natural*:

En esos planes falta el espacio preciso para el crecimiento irrepresible de la naturaleza humana, que es la base de todo sistema social posible, porque un conjunto de hombres, sólo por transición y descanso puede ser distinto de como el hombre es: lo innatural, aun cuando sea lo perfecto, no vive largo tempo.

Sob esta perspectiva, o socialismo é uma doutrina bem intencionada, mas desnecessariamente violenta e portanto, excessiva;

De todo eso, por supuesto, sólo se puede considerar el buen deseo, y la verdad de los dolores punzantes que por serlo tanto llevan los planes de reforma a tal exceso(...)

A premissa desta avaliação é que a luta de classes (na linguagem martiana, o ódio de classes) não é constitutiva do capitalismo, mas é uma característica de povos de determinado caráter, diferente daquele que identifica em *Nuestra América*. Daí sua

recusa do socialismo, encarado como um conjunto de doutrinas referidas em última instância, a um problema estrangeiro. Referindo-se ao socialismo cubano, escreve em carta um ano antes de morrer:

Dos peligros tiene la idea socialista, como tantas otras: el de las lecturas extranjerizas, confusas e incompletas, y el de la soberbia y rabia disimulada de los ambiciosos, que para ir levantándose en el mundo empiezan por fingirse, para tener hombros en que alzarse, frenéticos defensores de los desamparados (...)

Assim, Martí recusa as premissas socialistas até o fim, embora simpatize com a sua orientação de classe.

iii.d) projeto nacional

Como resultado, do ângulo do modo de produção, o projeto nacional de Martí não questiona o capitalismo, mas visa criar as condições para uma sociedade mais equilibrada do ponto de vista econômico, com o fim precípuo de promover a realização histórica do *hombre natural*, alicerçada na autoctonía.

Nesta perspectiva, destacam-se nas passagens que Martí sublinha no compêndio sobre o socialismo aquelas que apontam para a construção destas condições para o equilíbrio, que assenta-se na pequena propriedade, na democracia e no salário justo.

O cubano sublinha passagem onde menciona-se os nexos entre a classe camponesa e a contenção da revolução:

La estabilidad de Europa se puede decir que reside en el número de campesinos acomodados; la contención de la revolución es la pequeña hacienda.

De modo análogo, marca a relação entre democracia e o esvaziamento da pressão socialista:

La condición de Suiza muestra de manera suficientemente clara que la democracia bajo un régimen de libertad no presta oído al socialismo, sino que enfila el rostro a direcciones completamente distintas.

Sua visão de democracia aparece anotada à margem do livro, onde reitera-se a subordinação da luta de classes à noção de equilíbrio do mundo, o que traz como consequência uma visão do Estado desprovida de conteúdo classista.

Democracia no es el gobierno de una parte del pueblo o una clase del pueblo sobre otra, porque eso es tiranía. Sino el gobierno de tanto el pueblo en equitativa representación y el equilibrio de las clases, de modo que siempre quede (ilegible) parte que la han de representar .

Do ponto de vista econômico, anotamos que Martí restringiu suas observações ao campo da circulação, sem incursionar por exemplo, no problema da mais-valia. O resultado no plano teórico foi a filiação à teoria dos fatores de produção, o que encaminhou a reivindicação dos trabalhadores para o campo salarial. Assim, o cubano sublinha:

El precio del trabajo está ahora determinado por la lucha entre el trabajador y el empresario, y el resultado de esa lucha se mueve entre dos límites

muy reales, aunque no definitivamente marcados: el inferior, que consiste en la cantidad mínima que un obrero puede aceptar, y el superior, que consiste en la cantidad mayor que el empresario pueda otorgar.

Pequena propriedade rural, democracia e salários justos resumem o programa social de

Martí, assentado na premissa política do equilíbrio entre as classes sociais.

Este projeto nacional, reformista do ponto de vista do modo de produção embora

inovador no seu horizonte de modernidade, está alicerçado em uma visão da história onde a dinâmica da luta de classes está subordinada à noção de equilíbrio do mundo; as relações de produção capitalistas estão subordinadas ao caráter de um povo; o desenvolvimento das forças produtivas está subordinado à autoctonía; a economia está subordinada à ética; e a visão de progresso subordinada ao desígnio do *hombre natural*.

iv) conclusão

Em suma, o instrumental que fundamenta a visão de progresso martiana revela-se capaz

de captar a especificidade de *Nuestra América* no contraste com o Ocidente e projetar-lhe um devir alternativo, fundado em uma fina percepção do dilema histórico que se anunciava; mas é insuficiente para diagnosticar suas semelhanças, radicada na generalização de relações de produção em bases capitalistas. Para isso seria necessário um repertório de economia política que não coadunava com o ângulo da abordagem histórica martiana, e possivelmente não encontrava lastro na realidade cubana, onde a

difusão relativamente incipiente do assalariamento limitava a diferenciação da esfera econômica.

Assim, este limite aparece inscrito na própria história, e tem conseqüências decisivas do ponto de vista da apreensão dos mecanismos do imperialismo e da sua dinâmica de classes: cobrou seu preço no desfecho da guerra da independência, quando o PRC sem Martí mostrou-se maleável à pressão dos acaudalados cubanos, que subordinaram o ideal nacional à acomodação dos seus interesses de classe sob a hegemonia do capital estado-unidense.

A investigação da visão de progresso martiana e dos desdobramentos políticos que enseja conduz, em última análise, a um dilema: seria historicamente viável uma revolução nacional de conteúdo burguês na América Latina sob o imperialismo? E uma outra interrogante relacionada: seria viável um projeto de modernidade alternativa no capitalismo?